NOVAS ARMAS E TECNOLOGIAS NAS VÉSPERAS DA 1.ª GUERRA MUNDIAL

Quando se discutia a importância das novas armas e tecnologias, não faltavam exemplos que sugeriam que os progressos alcançados tinham criado condições que perspectivavam um campo de batalha onde tudo parecia favorecer a adopção de uma atitude defensiva. A técnica de construção de trincheiras, associada à aplicação de outros obstáculos, como o arame-farpado, tornara-se prática corrente nos conflitos do final do século XIX e início do século XX, designadamente na guerra Hispano-Americana (1898), na 2.ª Guerra Anglo-Bóer (1899-1902), na guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e nas guerras Balcânicas (1912-1913). No final da década de 1880, a adopção generalizada das pólvoras sem fumo nas munições das armas de fogo vinham permitir uma crescente dissimulação do atirador, aspecto que concorria, também, em favor de quem estivesse numa atitude defensiva.

Foi, igualmente, no virar do século XIX para o século XX, que a artilharia aperfeiçoou as técnicas de tiro indirecto, graças aos progressos no rigor da medição angular das direcções e elevações a introduzir nas bocas-de-fogo, a que se juntava a eficácia que os observadores avançados demonstravam quando servidos por redes telefónicas. A telefonia por fios – única forma de comunicação à voz então existente – funcionava muito bem em posições defensivas, por serem fixas, e era de muito difícil aplicação no âmbito de unidades em movimento. Assim, a regulação dos fogos de artilharia por telefone, a partir de observadores avançados, bem como os pedidos de apoio de fogos da infantaria, eram perfeitamente exequíveis para quem defendia. Para o atacante, todavia, eram praticamente impossíveis, pelo que tinha de recorrer a outro tipo de sinais para obter, com muito maior probabilidade de erro, os fogos de apoio de que necessitava. A solução poderia ser a telefonia sem fios. Todavia, apesar de ter sido inventada antes da guerra, uma vez que dependia de fontes de energia de grandes dimensões e peso, só era utilizável, em termos práticos, a bordo dos navios de guerra.

A correcta percepção desta enorme diferença nas possibilidades da artilharia não era, todavia, partilhada por todos os responsáveis franceses. Embora fosse sabido que a artilharia alemã dispunha de peças capazes de disparar a distâncias muito superiores à muito elogiada peça de 75 francesa, generalizara-se a opinião de que os artilheiros alemães não poderiam tirar partido dessa vantagem:

> Com efeito, considerávamos indispensável que o capitão permanecesse junto das suas peças; achávamos que seria impraticável, devido às dificuldades das transmissões telefónicas no campo de batalha, posicionar o observador longe da bateria. Como, nessa época, o emprego do avião de observação era desconhecido, concluíamos que era inútil fazer fogo para lá do raio normal de observação do capitão, o qual se mantinha junto das peças. Cinco a seis quilómetros parecia ser um máximo a não ultrapassar. Em poucas semanas, a guerra se encarregaria de demonstrar o pouco valor destas especulações.[1]

No contexto dos progressos tecnológicos, há que referir, também, alguns aspectos em sentido contrário, isto é, a progressiva diminuição da importância de alguns elementos até aí considerados determinantes. O caso mais notório é o da cavalaria. Com a crescente vulnerabilidade dos cavalos e cavaleiros aos efeitos das armas de fogo, as operações de unidades de cavalaria vão diminuindo de importância. A cavalaria pesada, para emprego em acções de choque, deixa de ser utilizável contra exércitos modernos. Permanece a cavalaria ligeira, que ainda terá um papel relativamente importante, em Agosto de 1914, em missões de reconhecimento, a que nem sequer faltaram alguns (poucos) recontros de lança e sabre na mão, entre esquadrões dos dois contendores. No entanto, o cavalo e os muares manterão, ainda, um papel importante no reboque da artilharia, em missões de ligação na área de retaguarda, e em diversas acções de carácter logístico, como animais

[1] JOFFRE, Joseph, *Mémoires (1910-1917)*, vol. I, pp. 62.

de tiro. Inversamente, há que sublinhar a crescente importância dos veículos automóveis, cuja utilidade no sistema de transportes já se faria notar ao deflagrar a Grande Guerra de 1914.

Nos anos que antecederam a eclosão da Grande Guerra, diversos autores, civis e militares, procuraram antever o que seria uma confrontação entre as potências dominantes da Europa. Um dos exemplos desse empenhamento na antevisão do futuro campo de batalha que é mais citado pelos historiadores deste período é a obra de um civil, o banqueiro e economista polaco Jan Bloch, publicada em 1897, com o título *A guerra do futuro nas suas vertentes técnicas, económicas e políticas*. Em 1899, uma edição condensada da mesma obra foi editada, em inglês, sob o título *Is War now Impossible*? Na lúcida análise sobre o que seria uma guerra na qual se utilizassem as armas e os equipamentos modernos, Bloch, afirmava:

> Qual é a utilidade de falarmos do passado quando estamos a lidar com um conjunto completamente novo de variáveis? Considerem, por momentos, o que eram as nações há cem anos e o que são presentemente. Nessa época, antes dos caminhos-de-ferro, dos telégrafos, dos navios a vapor, etc., serem inventados, cada nação era, mais ou menos, uma unidade homogénea, independente e auto-suficiente. [...] Tudo isso se alterou. [...] A cada ano que passa, a interdependência entre as diversas nações, devido às necessidades da vida, é maior do que alguma vez foi no passado. [...] Consequentemente, a primeira coisa que uma guerra faria seria privar as potências de qualquer hipótese de beneficiar dos bens produzidos pelas nações contra as quais combatessem. [...] Diminui a importância do militar e cresce a do economista.

Bloch classificava, assim, a guerra como algo que deixara de ser um recurso compensador e prosseguia:

> O sinal exterior e visível do fim da guerra foi a introdução da espingarda de repetição. [...] Os militares, devido a uma natural evolução, aperfeiçoaram o mecanismo de carnificina a tal ponto que, na prática, asseguraram a sua própria extinção.

O que é mais espantoso é que, a partir destas considerações, Bloch avança para o que considera ser a previsão de uma batalha do futuro. Esta previsão – que parece ter sido completamente falhada pelos principais responsáveis militares das potências europeias – faz uma descrição perfeita do que haveria de suceder 17 anos depois:

> Inicialmente, haverá uma crescente mortandade, numa escala de tal modo terrível que impedirá as tropas de levar a batalha para um desfecho decisivo. Tentarão fazê-lo, pensando que estão a combater sob as condições de antigamente, mas aprenderão uma tal lição que abandonarão essa ideia para sempre. [...] A guerra, em vez de ser uma luta corpo a corpo, na qual os combatentes confrontam a sua superioridade física e moral, tornar-se-á numa espécie de impasse, em que nenhum dos exércitos se sentirá capaz de se superiorizar ao outro, pelo que se manterão frente a frente, ameaçando-se mutuamente, mas nunca sendo capazes de desferir um ataque final e decisivo. [...] É este o futuro da guerra – não serão os combates, mas a fome, não será o aniquilamento do adversário, mas a bancarrota das nações e a ruptura de toda a organização social. [...] **Na próxima guerra, todos estarão entrincheirados. Será uma grande guerra de trincheiras.** Para o soldado, a pá será tão indispensável como a espingarda. [...] Todas as guerras serão, necessariamente, semelhantes a operações de cerco [...] Os soldados podem lutar como quiserem; a decisão final estará nas mãos da *fome*.[2]

Bloch anteciparia, ainda, as dificuldades de comando de exércitos imensos, a inutilidade da cavalaria e a predominância da artilharia. É evidente que não logrou ver para além do que conhecia nem tão-pouco admitiu que os continuados progressos tecnológicos fossem capazes de gerar o

[2] Citado por KEEGAN, John, *The first world war*, pp. 183-184. Sublinhado nosso.

antídoto que faltava: a afirmação do motor de explosão, da blindagem e da telefonia sem fios – tudo inovações que, volvidos alguns anos, iriam desbloquear o impasse do campo de batalha e revolucionar por completo a arte da guerra.

No exército francês, toda a doutrina militar das quatro décadas precedentes se havia orientado, progressivamente, para o verdadeiro desígnio nacional que era a recuperação dos territórios perdidos na guerra franco-prussiana de 1870-1871. Embora a geografia do teatro de operações aconselhasse uma postura prudente e defensiva, o certo é que os condicionalismos de natureza histórica fizeram fermentar, nas escolas militares francesas, uma mobilizadora doutrina de *ofensiva a todo o custo*. É bem provável que o entusiasmo gerado pelo espírito de desforra tenha feito perder alguma lucidez no que respeitava às novas armas e equipamentos que a guerra inevitavelmente revelaria. Num exército convencido de que o segredo da vitória se resumiria a uns quantos golpes de valentia, o menosprezo pelos progressos técnicos e alguns preconceitos disfarçados de tradições não podiam deixar de acarretar sérias consequências.

Comentando a obra de Bloch, o major de Pardieu escrevia, em 1912:

> Numa guerra entre a França e a Alemanha, não prevemos uma campanha desse tipo [isto é, uma guerra de trincheiras]... [...] Batalhas em posições entrincheiradas, como as que se travaram em Pleven[3] ou Mukden,[4] jamais terão lugar numa guerra em que participe o exército francês.[5]

Era evidente que uma guerra de trincheiras pressupunha um conflito prolongado, mas essa perspectiva estava, em França, oficialmente posta de lado. No regulamento *Conduta das Grandes Unidades*, de 28 de Outubro de 1913, afirmava-se taxativamente:

> A natureza da guerra, o volume de forças envolvidas, as dificuldades ao seu reabastecimento e a interrupção da vida económica e social do país, concorrem para que seja procurada uma decisão no mais curto espaço de tempo possível, de modo a, rapidamente, pôr fim ao conflito.

Mesmo os oficiais que rejeitavam a ideia de uma guerra rápida não previam que ela durasse mais do que um ano.[6]

A confirmação desta antevisão oficial do exército francês, no período que antecedeu o início da guerra, apareceria descrita numa obra publicada em 1923, na qual o autor, general francês Frédéric-Georges Herr, recordava a convicção que se generalizara quanto à forma como a mesma iria decorrer:

> Será uma guerra de curta duração e de movimentos rápidos, em que as manobras desempenharão o papel principal; será uma guerra de movimento. As batalhas serão, principalmente, uma luta entre infantarias... [...] o exército terá de ser uma força de pessoal e não de material. A artilharia será, apenas, uma arma acessória.... [...] A necessidade de artilharia pesada raramente se fará sentir. [...] Não tem qualquer utilidade o embaraçarmo-nos com uma artilharia numerosa.[7]

Confirmando este ponto de vista, o representante do Exército na Comissão Parlamentar do Orçamento diria, em 1909, sobre a conveniência de adquirir artilharia pesada: «Graças a Deus que não temos nenhuma! O que dá força ao Exército francês é a leveza dos seus canhões.» Pressuroso, o ministro da Guerra confirma: «É inútil. Com um número suficiente de disparos de 75 mm, todos os obstáculos serão superados»[8], o que estava longe de corresponder à verdade, porque, devido às

[3] A batalha de Pleven, na Bulgária, foi travada em 1877, durante a guerra Russo-Turca.
[4] A batalha de Mukden, na Manchúria, foi travada em 1905, durante a guerra Russo-Japonesa.
[5] KEEGAN, John, *Idem*, p. 186.
[6] DOUGHTY, Robert, *Pyrrhic victory: French strategy and operations in the Great War*, p. 34.
[7] Citado por KEEGAN, John, *Idem*, p. 186.
[8] DE GAULLE, Charles, *La France et son Armée*, p. 220.

trajectórias muito tensas da peça de 75 mm, não era possível, em terreno mais compartimentado, bater adequadamente posições de contra-encosta. Seguir-se-ia uma renhida controvérsia entre os partidários da exclusividade da peça de 75 e aqueles que, como Joffre, achavam indispensável um tipo de obus que, para além de garantir trajectórias mais curvas, pudesse utilizar uma granada com um poder destrutivo superior, semelhante ao da artilharia alemã. Ao iniciar-se a guerra, a artilharia francesa optara pela solução fácil conhecida por "plaqueta do major Malandrin", dispositivo que permitia aumentar a curvatura das trajectórias dos projécteis disparados pela peça de 75. A este propósito, nas suas *Memórias*, afirma Joffre:

> Em vão salientámos que, em todo o caso, o peso do projéctil continuava a ser muito inferior ao do projéctil do obus alemão, e, sobretudo, que a trajectória ficava reduzida pela aplicação da plaqueta. De nada serviu. O obus de campanha foi definitivamente descartado e substituído por este meio expedito, bastante grosseiro, em resumo.[9]

Os resultados da petulante convicção de que a peça de 75 responderia a todas as situações do combate foram magnificamente descritos por Foch nas suas *Memórias*, ao relatar os primeiros movimentos ofensivos do XX Corpo de Exército, a 14 de Agosto de 1914:

> Sem falar do número de bocas-de-fogo que ele [o exército alemão] põe em linha, as suas peças de grosso calibre, graças a um alcance superior ao da nossa artilharia, iniciam o fogo e apoiam o combate a uma distância que nos é interdita, e o seu tiro, previamente regulado sobre objectivos bem determinados, mostra-se de uma incontestável precisão. Desde logo, parece que a artilharia condiciona o acesso do campo de batalha, ainda antes que seja possível qualquer intervenção da infantaria.[10]

A utilização da cavalaria também foi antecipada de forma espantosamente reveladora de um teimoso desprezo pelo fogo. Comentando uma passagem de um texto sobre a guerra dos Bóeres, no qual o autor afirmava, sobre a acção da cavalaria, que «a sua importância não pára de crescer, mas o seu modo de acção transformou-se completamente», salientando que «o tempo das grandes cargas já passou», como já passara em 1870, e que as que então tinham sido tentadas, tanto do lado francês como do lado alemão, «tinham conduzido a inúteis hecatombes», o general Bonnal, escrevendo em 1903, não teve dúvida em discordar do seguinte modo:

> Pensamos, muito pelo contrário, que a guerra do futuro verá produzirem-se grandes cargas de cavalaria, mesmo contra a infantaria e a artilharia, e que o resultado destas cargas dependerá quase unicamente do valor dos chefes que as hão-de comandar.
>
> Em qualquer batalha, com efeito, vemos tropas a fraquejar neste ou naquele momento da luta. Se, num desses momentos, uma massa de cavalaria se precipitar, como ave de rapina, sobre uma infantaria ou uma artilharia mais ou menos desmoralizadas ou com falta de munições, colherá os mais belos louros sem correr grandes riscos.[11]

Já não era uma questão de inadaptação ao futuro, era, em substância, a não- compreensão do próprio presente.

Se a questão do emprego da cavalaria e da artilharia eram de primordial importância, a visualização do emprego de outros meios modernos constituía, para muitos responsáveis, uma séria dificuldade de adaptação ao futuro, que os tornava cépticos relativamente a muitos materiais ainda pouco testados em campanha e os impedia de pôr termo a situações que se tinham tornado gritantemente anacrónicas.

---

[9] JOFFRE, Joseph, *Idem*, vol. I, p. 69.
[10] FOCH, Ferdinand, *Mémoires pour servir à l'histoire de la guerre de 1914-1918*, p. 29.
[11] BONNAL, Henri, *La récente guerre sud-africaine et ses enseignements*, p. 39.

Em 1910, em França, o Director da Arma de Infantaria, a propósito das metralhadoras, afirmava displicentemente: «Vamos fabricá-las, para dar uma satisfação à opinião pública. Mas este engenho não vem alterar coisíssima nenhuma.»[12]

Quanto às possibilidades que se abriam ao emprego militar da aviação, declarava, em 1910, o general Foch, Comandante da Escola Superior de Guerra: «Tudo isso é desporto! Para o Exército, o avião é zero!»[13]

Naturalmente que a visão dominante quanto à importância dos meios de combate modernos iria reflectir-se no desenvolvimento dos mesmos. Assim, ao iniciar-se a guerra, a França dispunha de 2.500 metralhadoras e 136 aviões contra 4.500 e 220, respectivamente, da Alemanha.[14]

Mas até no capítulo dos uniformes os Franceses se mostravam renitentes em aceitar a mudança. O ministro Messimy era um antigo oficial de carreira que, por discordar da revisão do processo contra Dreyfus, pedira a passagem à reserva. Tinha, por conseguinte, conhecimentos militares próprios de um profissional. Essa circunstância permitira que fosse sensibilizado para a questão da cor dos uniformes de combate. Os britânicos já haviam adoptado o caqui, os alemães iam abandonar o uniforme azul, substituindo-o por um cinzento, e ele próprio tivera a oportunidade de constatar, numa visita à frente de combate dos Balcãs, em 1912, que a cor dos uniformes búlgaros tornava os homens menos visíveis. Numa época em que o alcance e a precisão das armas de fogo aumentara consideravelmente, manter no exército francês o uniforme de 1830, com dólmenes azuis e calças e barretes vermelhos, era uma insanidade. Preparou-se, por isso, para mandar substituir os uniformes, sugerindo uma cor cinzenta-azulada ou cinzenta-esverdeada. Uma verdadeira tempestade de protestos, vindos de dentro e de fora do exército, abateu-se sobre o autor desta medida simplesmente sensata. Numa reunião parlamentar, o Sr. Étienne, antigo ministro da guerra, soltou este grito de revolta:

«Eliminar as calças vermelhas? Nunca! *Le pantalon rouge c'est la France !*»[15]

David Martelo – 2013

[12] DE GAULLE, Charles, *Idem*, p. 220.
[13] *Ibidem*, p. 221.
[14] *Ibidem*, pp. 233-234. Outros autores citam valores um pouco diferentes, embora comparativamente semelhantes.
[15] TUCKMAN, Barbara W., *Os canhões de Agosto*, p. 48.